CADERNOS AH!

#39

A GRANDE CAMUFLAGEM

SUZANNE CÉSAIRE

A Grande Camuflagem
Suzanne Césaire

Tradução: Fernando Ramalho
Paginação: Fernando Ramalho
Fotografia da capa: Jean Jamin, *Suzanne Césaire*, s/d.

Suzanne Césaire (1915-1966) foi uma escritora e militante martinicana.

Março de 2026

www.muralsonoro.com
muralsonoro.info@gmail.com

Eis, a investir contra às ilhas, as belas lâminas verdes de água e silêncio. Eis a pureza do sal à volta das Caraíbas. Eis, diante dos meus olhos, a bela praça de Pétionviille, ornada de pinheiros e hibiscos. Eis a minha ilha, a Martinica, com o seu fresco colar de nuvens desenhado pelo Monte Pelée. E os mais elevados planaltos do Haiti, onde morre um cavalo atingido pela velha tempestade letal de Hinche. Ao seu lado, o dono contempla a região que julgava sólida e generosa. Não compreende ainda que participa da ausência de equilíbrio das ilhas. Mas essa explosão de insanidade terreste ilumina-lhe o coração: vêm-lhe ao espírito as outras Caraíbas, com os seus vulcões, os seus tremores de terra, os seus furacões.

Nesse momento, sobre o mar-aberto de Porto Rico, um grande ciclone põe-se a rodopiar por entre as nuvens ondulantes, com a sua bela cauda a varrer a toda a extensão

o semicírculo das Caraíbas. O Atlântico foge para a Europa em grandes ondas oceânicas. Os nossos pequenos observatórios tropicais começam a espalhar a notícia. Os telégrafos enlouquecem. Os navios tentam fugir, mas para onde? O mar agita-se, para trás e para diante, em esforço, um salto luxuriante, a água estende os seus braços à medida que ganha uma consciência mais ampla da sua força; os marinheiros de dentes cerrados e rostos molhados, e corre a notícia de que o ciclone passa a uma velocidade de 56 km/h ao largo da costa sudeste da República do Haiti e se dirige para a Flórida. Aqueles objectos e seres poupados à fúria do vento tolhidos pela apreensão. Ficar quieto. Deixar passar…

No olho do ciclone nada resiste, tudo colapsa sob a estridência própria dos grandes tumultos. Calam-se então os rádios. O vento fresco que sopra pela grande palmeira desdobra-se algures na estratosfera, onde ninguém seguirá as suas iridescências selvagens e as ondas púrpuras de luz.

Depois da chuva, o sol.

As cigarras haitianas já ponderam cantar o amor. Quando não resta uma única gota de água sobre a erva fustigada, cantam furiosamente a beleza da vida, explodem num grito demasiado vibrante para o corpo de um insecto. Com a sua fina película de seda seca esticada ao máximo, morrem deixando-se dissolver no grito de prazer mais enxuto do mundo.

O Haiti permanece, envolvido pelas cinzas de um sol suave com olhos de cigarras, escamas de mabuias e o rosto metálico de um mar já não de água mas de mercúrio.

Já nos podemos assomar às janelas de alumínio e observar as amplas curvas do horizonte.

O mar de nuvens ressurge, já não intocado, porque por ali passam os aviões da Pan American Airways. Se há uma colheita que amadurece, seria agora o momento de as vislumbrar, mas nas zonas militares de acesso proibido as janelas continuam fechadas.

Tiram-se os detergentes e desinfetantes do armário, mas que importa, não se vê nada. Não se vê nada a não ser o mar e a desenho confuso da terra. Intuímos apenas os amores descomplicados dos peixes. Eles agitam as águas que, por sua vez, enviam um piscar de olhos amistoso aos vidros das janelas. Vistas de cima, as nossas ilhas adquirem a sua verdadeira dimensão de conchas. Já se foram as mulheres-colibri, as mulheres-flor tropical, as mulheres de quatro raças e com dúzias de ligações sanguíneas. Também se foram as canas, os jasmims-manga e as árvores-do-fogo, as palmeiras ao luar, os pores-do-sol únicos no mundo…

No entanto, está lá tudo.

No entanto foi há quinze anos que as Caraíbas se revelaram para mim a partir da encosta leste do Monte Pelée.

Então percebi, ainda muito jovem, que a Martinica, distendida sobre o Mar das Caraíbas, era sensual, ondulante, espraiada e descontraída, e imaginei as outras ilhas igualmente belas.

Experienciei uma vez mais, no Haiti, nas manhãs de Verão de 1944, a presença das Caraíbas, tanto mais reconhecível a partir de lugares de onde, em Kenscoff, a vista para as montanhas é de uma intolerável beleza.

E agora, lucidez total. O meu olhar, dirigido para lá dessas formas e cores perfeitas, surpreende o tormento no interior do belíssimo rosto caribenho.

Porque a trama dos desejos não saciados apanhou as Caraíbas e a América na sua armadilha. Desde a chegada dos conquistadores, e o desenvolvimento das suas técnicas (desde logo, a das armas de fogo), que não só as terras transatlânticas viram a sua face modificada como também aprenderam novos medos. Medo da distância em relação àqueles que permaneciam na Europa, já armados e equipados; medo de serem confundidos com os povos de cor, imediatamente declarados inferiores, para facilitar a exploração. Era necessário, desde o primeiro dia e a qualquer preço – mesmo que à custa da infâmia do tráfico de escravos –, criar uma sociedade americana mais rica, mais poderosa, mais bem organizada do que uma abandonada mas desejada sociedade europeia. Era necessário vingar o nostálgico inferno que vomitava, sobre o

Novo Mundo e as suas ilhas, os seus demónios aventurosos, os seus condenados, os seus penitentes, os seus utópicos. A aventura colonial prosseguiu por três seculos – as guerras de independência são apenas um dos seus episódios –, e os povos americanos, cuja atitude face à Europa se mantém frequentemente infantil e romântica, não se libertaram ainda do domínio do Velho Continente. São os negros da América, naturalmente, que mais sofrem as humilhações quotidianas, as degenerescências, as injustiças, as misérias da sociedade colonial.

Se proclamamos orgulhosamente a nossa extraordinária vitalidade nas Américas, se isso parece assegurar-nos a salvação eterna, precisamos da coragem para dizer que persistem ferozmente formas subtis de escravatura. Aqui, nestas ilhas francesas, continuam a ser aviltados os milhares de negros a quem o grande Schoelcher pretendeu, há um século, além de liberdade e dignidade, conceder a condição de cidadãos. Precisamos de ousar mostrar, munidos da implacável luz dos acontecimentos, a mancha caribenha no rosto da França, uma vez que tantos franceses parecem determinados a não tolerar aí qualquer vestígio dela.

As formas degradantes do moderno trabalho assalariado encontram ainda entre nós um terreno onde florescer sem restrições.

Quem expulsará, juntamente com maquinaria ultrapassada das fábricas, os milhares de subindustriais e merceeiros, essa casta de falsos colonos responsáveis pela decadência humana nas Caraíbas?

Enquanto deambulam pelas ruas das capitais, junto aos seus irmãos europeus, uma insuperável timidez enche-os de medo. Envergonhados pelo seu sotaque lânguido, pelo seu francês grosseiro, anseiam pelo torpor tranquilo das casas caribenhas e pelo dialecto da negra *da* da sua infância.

Preparados para todas as traições, vender-se-iam, para se defenderem da maré alta dos negros, à América (assim os americanos não achassem que a pureza do seu sangue era mais do que duvidosa), como sucedeu nos anos 1940 quando se aliaram ao almirante de Vichy: tal como Pétain era, para eles, o altar da França, também Robert teve de se tornar «o tabernáculo das Caraíbas».

Entretanto, o servo caribenho vive na miséria e na abjecção nas terras da «fábrica», e a mediocridade dos nossos burgos é um espectáculo degradante. Entretanto, as Caraíbas continuam paradisíacas com o suave rumor de palmeiras…

Naquele dia, a ironia era que, numa indumentária de faíscas brilhantes, cada um dos nossos músculos exprimia, à sua maneira, parte do desejo disperso pelas mangueiras em flor.

Eu ouvia com muita atenção, sem perceber nada, as vossas vozes perdidas na sinfonia caribenha que lançava

chuvadas para assaltar as ilhas. Éramos como puros-sangues, contidos mas impacientes na orla dessa savana de sal.

Havia alguns «funcionários metropolitanos» na praia. Para ali estavam, plácidos, prontos a zarpar ao primeiro sinal. Os recém-chegados não se adaptam às nossas «velhas terras francesas». Quando se olham ao espelho sinistro das Caraíbas, não vêem senão uma imagem delirante de si próprios. Não ousam reconhecer-se nesse ser ambíguo, o homem caribenho. Sabem que os mestiços partilham algum do seu sangue, que ambos pertencem à civilização ocidental. Claro, os «metropolitanos» ignoram o preconceito da cor. Mas a sua descendência de cor enche-os de medo, apesar da gentil troca de sorrisos. Não esperavam essa estranha germinação do seu sangue. Talvez preferissem não responder ao herdeiro caribenho que, em simultâneo, grita e não grita pelo «pai». Ainda assim, têm de contar com esses inesperados filhos e essas encantadoras filhas. Têm de governar essas pessoas turbulentas.

Eis um caribenho, bisneto de um colono e de uma escrava negra. Ei-lo na sua ilha assegurando a sua fluidez através do dispêndio de todas as energias outrora necessárias aos colonos avaros, para quem o sangue dos outros era o preço natural do ouro e toda a coragem necessária aos guerreiros africanos na sua perpétua luta para arrancarem a vida à morte.

Ei-lo com a sua dupla força e a sua dupla ferocidade, num equilíbrio perigosamente precário: não pode aceitar a sua negritude, mas também não pode tornar-se branco. A indiferença toma conta desse coração dividido e, por arrasto, o hábito das artimanhas, o gosto pelas vigarices; é assim que essa flor da subserviência humana, o burguês de cor, desponta nas Caraíbas.

Nas estradas ladeadas por glicérias, os amorosos meninos negros comem, deliciados, raízes cozidas – com ou sem sal – e sorriem ao automóvel chique que passa. Sentem de súbito a determinação a crescer do fundo das entranhas de virem um dia a ser senhores de um animal tão dócil e lustroso e forte. Anos depois, desfeados por uma gordura cómoda, poderemos vê-los a darem uma chispa miraculosa de vida a carcaças velhas, para depois as venderem por tuta e meia. As mãos de milhares de jovens caribenhos, como por instinto, sopesaram o aço, afinaram juntas, aliviaram parafusos. Milhares de imagens de fábricas cromadas, de aço em bruto e de máquinas libertadoras conquistaram os corações dos nossos jovens operários. Em centenas de sórdidos barracões, cheios de ferro-velho a embotar, há uma invisível vegetação de desejos. Os frutos impacientes da Revolução brotarão inevitavelmente daí.

Aqui, neste vale entre colinas suavizadas pelo vento, fica o empreendimento Gens Libres. Um trabalhador rural

que não se deixou tocar pela excitação da aventura mecânica encosta-se a uma enorme *mapou* que lança sombra sobre uma das colinas, sentindo um lento impulso vegetal a subir-lhe corpo acima pelos dedos dos pés descalços enterrados na lama. Voltando-se para o pôr-do-sol para ver como estará o tempo no dia seguinte – os vermelhos alaranjados mostram-lhe que o tempo de plantar está a chegar –, o seu olhar não é apenas o reflexo tranquilo da luz, mas torna-se opressivo pela impaciência, a mesma que agita a terra martinicana – essa terra que não lhe pertence mas que, no entanto, é a sua terra. Ele sabe que o seu lado é o mesmo que o dos operários, e não o do béké ou do mulato. E quando subitamente, na noite caribenha aprumada de amor e silêncio, rebenta o rufo dos tambores, os negros aprontam-se a responder ao desejo da terra e da dança, mas os proprietários, barricados no interior das suas belas mansões, protegidos por redes metálicas, parecem borboletas pálidas apanhadas numa armadilha de luz.

À sua volta, a noite tropical inflama-se de ritmos, as ancas de Bergilde ganham, como nas oscilações que se elevam dos abismos nas encostas dos vulcões, a forma de um cataclismo, e é a própria África que, para lá do Atlântico e dos séculos anteriores aos negreiros, dedica aos seus filhos caribenhos os olhares de luxúria solar que os dançarinos trocam. Os seus gritos

proclamam, com um voz rouca e vasta, a presença de África; que ela espera, imensamente casta, apesar da tempestuosa e devoradora colonização dos brancos. E por estes rostos constantemente banhados pelos eflúvios do mar que abraça as ilhas, por estas pequenas terras confinadas, rodeadas por água como grandes valas intransponíveis, passa o extraordinário vento soprado de um continente. As Caraíbas-África, graças aos tambores e à nostalgia dos lugares terrenos, habitam os corações destes ilhéus. Quem dará resposta à sua nostalgia?

A cana da floresta de Absalon, porém, sangra nos abismos e a beleza da paisagem tropical sobe à cabeça dos poetas que passam. Através dos arabescos oscilantes das palmeiras, eles observam o incêndio caribenho a lavrar sobre o mar das Caraíbas, ele próprio um tranquilo mar de lava. Aqui a vida acende-se com um fogo vegetal. Aqui, nestas terras quentes que mantêm vivas espécies geológicas, a planta fixa, através da paixão e do sangue, da sua arquitectura primitiva, o inquietante repique proveniente dos quadris caóticos das dançarinas. Aqui as lianas, balançando vertiginosamente, adquirem trejeitos aéreos para seduzir os precipícios, agarram-se com mãos trêmulas à inapreensível trepidação cósmica que cresce pelas noites habitadas por tambores. Aqui os poetas sentem a cabeça a menear e, ao respirarem os odores frescos das encostas, tomam nas mãos a constelação de ilhas,

escutam o rumor das águas à sua volta e percebem que as chamas tropicais já não se atiçam nas canas, nas gerberas, nos hibiscos, nas buganvílias, nas árvores-do-fogo, mas sim nas fomes, nos medos, nos ódios, nos encarniçamentos que ardem no vazio das colinas.

E assim a conflagração do mar das Caraíbas levanta os seus vapores silenciosos, ofuscantes para os únicos olhos capazes de os ver, e de súbito esbatem-se os tons de azul das colinas haitianas e das baías martinicanas, de súbito empalidecem os vermelhos mais deslumbrantes, e o sol deixa de ser um cristal que cintila, e se as praças tivessem escolhido a traça gótica como um ventilador de luxo face ao ardor do céu, se as flores tivessem sabido encontrar as cores certas para nos fazer apaixonar, se os fetos arborescentes tivessem secretado essências douradas para os seus báculos, enrolados como um sexo, se as minhas Caraíbas são tão belas, é porque o grande jogo de sombras foi bem-sucedido, e esse dia será certamente muito bonito de se ver.

AH!

Associação Mural Sonoro

Coimbra|Lisboa|Berlim